



Oração de Advento

2016-12-04

Grupo de pertença do Porto

SENHOR JESUS (Jésus le Christ)

Bm Em A D Bm

Se - nhor Je - sus, Tu és luz do mun - do: dis - si - pa - as

A D G6 F# Bm Em A

tre - vas que me que - rem fa - lar. Se - nhor Je - sus, és luz na mi -

D G G6 Bmin/F# F# Bm

nh'al - ma: sai - ba eu a - co - lher o Teu a - mor. Se - nhor Je -

Música: Jacques Berthier

© Ateliets et Presses de Taizé, France

Cântico (Taizé)

Senhor Jesus
Tu és luz do mundo
Dissipa as trevas que me querem falar
Senhor Jesus
És luz na minha alma
Saiba eu acolher teu Amor



Salmo

Não tornarás a dar-nos a vida,
para que o teu povo se alegre em ti?
Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia,
concede-nos a tua salvação.
Prestarei atenção ao que diz o Senhor Deus;
Ele promete paz para o seu povo e para os
seus amigos,
e para todos os que se voltam para ele de
coração.

A salvação está perto dos que o temem
e a sua glória habitará na nossa terra.
Vão encontrar-se o amor e a fidelidade.
Vão beijar-se a justiça e a paz.
Da terra vai brotar a verdade
e a justiça descera do céu.
O próprio Senhor nos dará os seus bens
e a nossa terra produzirá os seus frutos.
A justiça caminhará diante dele
e a paz, no rasto dos seus passos.

(Do Salmo 85)

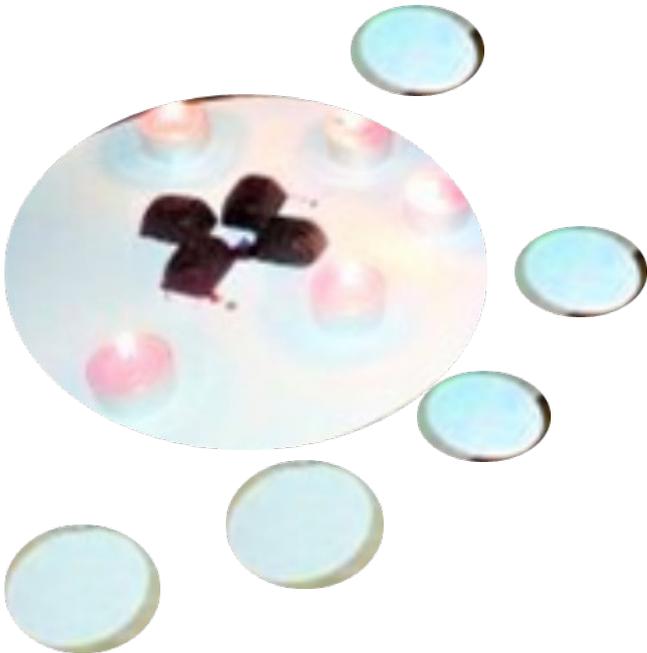
Tempo de iluminar e de aquecer

Antes da oração, a Alice colocou sob a nossa atenção quatro cubos de gelo, água reprimida, tornada sólida e gélida, presa numa forma fixa, de contornos bem delineados.

No início, eram só os cubos de gelo.

O silêncio deu lugar à palavra. Cada uma acendeu uma pequena luz para exprimir um voto e colocou-a na proximidade do gelo.

Cada uma das velas fazia incidir sobre os cubos de gelo a sua chama, à distância, sem qualquer contacto direto.



O sacramento do instante

*«Benditos sejam os instantes, e os milímetros,
e as sombras das pequenas coisas.»*

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego

“...o ponto místico da interseção da história divina com a história humana é o instante. Não um instante idealizado ou tornado abstrato mas um instante concreto. Este preciso minuto onde nos situamos, esta hora concreta das nossas vidas, estes dias que o nosso coração afronta com maior ou menor esperança. Mas que, ao mesmo tempo, é capaz de informar-nos do iminente, do que se avizinha no previsível e no imprevisível, do que, de forma declarada ou discretíssima, vem. Esse é, aliás, o sentido do termos «instante»: como substantivo, significa «um momento», uma «pequena porção de tempo», uma «duração; como adjectivo, quer dizer «o que está iminente», «o que está a chegar», «o que solicita com insistência», «o premente».



O dominicano padre Perrin, que foi o grande confidente de Simone Weil, dizia que nada do que conhecemos é mais parecido à eternidade do que o instante, e que devíamos pensar simbolicamente nele como um sacramento, o oitavo. Nós que entramos e saímos dos templos, como nos é necessária a veneração pela espantosa santidade do momento presente! “O que não sabe sentar-se /na soleira do instante/(...) esse nunca saberá o que é a paz/serena e iluminada/de estar-com.”

Se observarmos bem, somos continuamente despojados do passado e, por mais que façamos, não conseguimos antecipar do futuro qualquer parcela, por ínfima que seja. Só nos resta o instante; só o instante nos pertence. Entre as possibilidades infinitas do amor divino e a experiência mutável e progressiva do humano em nós, o único contacto é o instante. Ele é o barro onde a vida se molda e descobre. É a frágil ponte de corda que une o tempo à promessa. No maravilhoso e exigente poema de Teresa de Lisieux recebemos a confirmação: «Minha vida não é mais do que instante, uma hora fugaz/Minha vida não é mais do que um único dia que se escapa./ Sabes bem, ó Deus, que para amar-te sobre a terra./ Não tenho nada além do hoje.»



A mística do instante reenvia-nos, assim, para o interior de uma experiência autêntica, ensinando a tornarmo-nos realmente presentes: a ver em cada fragmento o infinito, a ouvir o marulhar da eternidade em cada som, a tocar o impalpável com os gestos mais simples, a saborear o esplêndido banquete daquilo que é frugal e escasso, a inebriar-nos com o odor da flor sempre nova do instante.”

J. Tolentino Mendonça, *A mística do instante*



Tempo de semear



Seguindo a Maria Carlos, fizemos as searinhas, sementeiras ou searas do Menino Jesus. O processo foi simples: cada uma colocou terra preta, que veio da Golegã, em pequenas taças de plástico de cores natalícias (verdes e vermelhas), depois juntou grãos de trigo e um pouco mais de terra. A terra foi levemente humedecida com água.

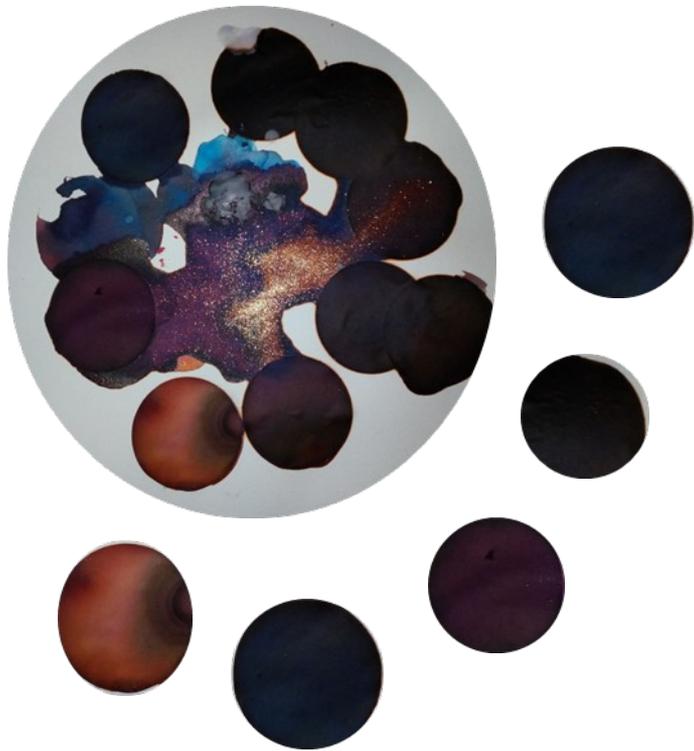


A searinha é, como nos explicou a Maria Carlos, uma tradição natalícia da Madeira. Planta-se no primeiro domingo do Advento e espera-se que as sementes de trigo germinem, até o verde tenro dar origem a pequenas searas. Para isso, a terra terá de ser mantida sempre humedecida.



Na Noite de Natal, a searinha deverá ir à mesa da Consoada para que nunca falte pão em casa e na mesa. No dia de Reis, a searinha é transplantada para a terra.

Tempo de estar-com



Tempo de contemplar o fruto do trabalho

